

O ASSALTO 2013

O ENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE

COM ARMAS DE FOGO

– FLAVIO MENDES PAZ –

Título Original: CONTOS & CRÔNICAS

Fundação Biblioteca Nacional

Número de Registro:

518.392 Livro: 983 Folha: 315

1ª EDIÇÃO – Escrito em: 2010 – Publicado em: 2012

REVISÃO: O AUTOR

CAPA:

AUTOR: FLÁVIO MENDES TEIXEIRA

Nome Artístico: FLÁVIO MENDES PAZ

CONTATO: (61) 85407052 / 91264776

E-MAIL:

flaviomendespaz2@gmail.com

flavioescritox@gmail.com

flaviomendesteixeira@yahoo.com

REDES SOCIAIS:

Blog: <http://livrosdeflaviomendespaz2.blogspot.com.br/>

Site:

<https://sites.google.com/site/flaviomendespaz2/system/app/pages/search?scope=search-site&q=videos>

Orkut: flavio mendes paz

Facebook: flavio mendes paz

Club de autores: <http://clubedeautores.com.br/authors/48108>

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS AO AUTOR.

DEDICATÓRIA & AGRADECIMENTOS:

Aos leitores de Brasília, do Brasil e do Mundo...

SINOPSE

Este livro conta a história de um adolescente – de classe média – que se envolve com armas de fogo, com o crime e com as drogas. As más influências o leva a cometer vários delitos... Para provar aos seus colegas que é corajoso, o personagem principal vai

além dos seus limites colocando em risco a sua vida, e causando grandes preocupações à sua família e à sociedade.

APRESENTAÇÃO:

O ASSALTO mostra a inclusão dos adolescentes no submundo das drogas, do tráfico e do crime.

Cada vez mais os jovens se envolvem com roubos, drogas e armas de fogo. As ocorrências policiais vêm aumentando. Se não tomarmos cuidado, podemos ficar expostos aos perigos que as armas apresentam.

Na TV, vemos noticiários de roubos, assaltos e homicídios, envolvendo adolescentes. Se Antes devíamos nos preocupar com as drogas, hoje, além disso, devemos atentar para os perigos das armas de fogo. No colégio, numa esquina, em qualquer lugar, alguém pode mostrar um revólver para o seu filho e convidá-lo a entrar no submundo do crime, além de lhe oferecer droga, e outras coisas mais.

Precisamos estar atentos e conversar com os nossos filhos, orientando-os a cada momento, procurando saber das suas amizades, com quem andam e quais lugares freqüentam. Isso nem sempre é fácil, mas é o mínimo que podemos fazer.

A história deste livro é uma ficção mesclada com a realidade, espero que apreciem a leitura.

O Assalto

CAPÍTULO 1

Estava tudo pronto, aquele seria o grande *roubo* da sua vida. Apesar de ter apenas 14 anos, já se sentia um homem. A sensação do poder pulsava em suas veias. Queria mostrar que era importante, que existia...

Tinha pego numa arma poucas vezes e atirado uma ou duas. Ainda assim se sentia capaz de realizar o serviço. A **firma** precisava dele. Tinha que demonstrar ao chefe e aos outros integrantes da gangue, que dava conta do recado, que não tinha medo. Logo os *colegas* chegaram. Um deles comentou:

- E aí Marcelito, tá preparado para o seu primeiro roubo?
- Só, é de boa! – respondeu enquanto acendia um cigarro.

Marcelito era descendente de uma família relativamente *boa*, tanto financeira, quanto psicossocialmente. O pai trabalhava no *Metrô* e ganhava bem. Não fosse a vaidade da esposa e os caprichos de Marcelito – que exigia tênis e roupas de marca, – viveriam uma vida tranquila.

Certa vez o pai comprara um tênis melhor e uma bermuda da *Ciclone*, para o filho, incluindo uma camiseta da *Sete Mares*, mas fora só isso. Marcelito cansou de pedir... De ver os seus colegas usando roupas de marca e ele não. Por isso começou a dar seus pulos. Um furto aqui, outro ali... Até começar a roubar...

Agora estava pronto para realizar o seu primeiro assalto propriamente dito.

O resto dos integrantes da gangue chegou depois. Desceram de um carro preto com vidros fumê. O chefe foi o último a sair. Tinha cabelos pretos e uma cicatriz no rosto, o que indicava que já havia se metido em várias brigas. Era moreno e tinha cara de mau. Tinha um apelido, mas todos o chamavam pelo nome. A expressão de uma pessoa má desenhada em seu rosto exigia o respeito daqueles que o seguiam. Seu nome era Carlos. Já havia atingido a maior idade e, por isso, precisava dos serviços daqueles adolescentes para protegê-lo, para livrar a sua *pele* caso fosse apanhado em algum assalto.

Marcelito se aproximou e cumprimentou-o:

- E aí Carlos, atividade, atividade!
- É nois! – respondeu ele.

Carlos não era de muito *papo*, pouco se sabia a respeito da sua infância, ele não falava sobre essas coisas... Ainda assim tinha fama de matador. Os comentários descreviam que ele já havia assassinado mais de meia dúzia de pessoas...

Todos se cumprimentaram...

Há alguns meses atrás a *firma* começou a se formar, lentamente, aliás, ela já existia na cabeça do Carlos e do seu irmão: Rubão. Quando eles eram menores de idade, entraram para uma gangue e ficaram sabendo como funcionava o esquema. Com o tempo a gangue se dispersou. Alguns morreram, outros foram presos... Eles ficaram de maior. Tentaram abandonar a vida do crime, mas não conseguiram. Resolveram então formar outra gangue, agora chamada de *firma*. Começaram oferecendo **drogas** para alguns **adolescentes**. Nos colégios, nas esquinas... Depois lhes mostraram algumas **armas** e os meios de ganhar dinheiro fácil com elas. Dinheiro este, que usavam para comprar drogas e coisas supérfluas.

Os jovens, totalmente desorientados e desprezados pelos seus pais – alguns levados pela curiosidade e pela valorização da **auto-estima**, de uma maneira totalmente errada, – não pensaram duas vezes, logo estavam fazendo parte da firma. Se orgulhavam de serem integrantes daquele grupo. Eram reconhecidos e respeitados nas ruas pelos

outros colegas, coisa que não acontecia dentro de suas casas. Assim formou-se mais uma gangue.

Reuniam-se numa construção abandonada que estava para terminar. Todavia, pagavam o aluguel. Esta casa ou construção ficava numa cidadezinha aos arredores da capital. A polícia estava de *olho* neles, mas eram *espertos*, se reuniam em horários estratégicos. Quando estavam juntos, o chefe mandava abaixar o som, e quando o bicho pegava, mudavam de esconderijo.

Mesmo com toda cautela, ninguém podia evitar o entusiasmo daqueles adolescentes. Na casa *rolava* de tudo: **sexo**, drogas urjas e muito **rep**.

Naquele momento todos estavam reunidos na sede da firma. Rubão, o irmão do chefe, apertava um *baseado*. Jussara, uma adolescente que namorava com o Carlos, *batia* umas *carreiras* para ele. Todos fumavam, cheiravam e bebiam. Alguns usavam drogas psicotrópicas como: **rupnol**. Carlos retirou a arma da cintura, uma pistola calibre 9mm, sentou-se no sofá onde Marcelito estava, colocou-a em sua mão disse:

– E aí pivete, tá preparado para fazer o serviço?

– Tô sim patrão.

– Então tá de boa. O Rubão, o Caveira e o Tiãozinho vão com você. Tu sabe dirigir né porra?

– Sei sim patrão.

– De boa. Chega aí Caveira – disse enquanto dava uma *bola* no *baseado* – Caveira se aproximou...

Caveira, como o próprio nome dizia, era um garoto esquelético e desnutrido. Parecia com um menino de rua, e realmente o era. Não que não tivesse pai ou mãe, é que os seus pais haviam se separado e Caveira preferiu morar na rua a agüentar as lamúrias da sua mãe que, jazia reclamando do pai ausente, e vivia mandando-lhe dar um jeito de trabalhar. No começo, Caveira até que se esforçou... Tentou vender jornal e vigiar carros, mas era discriminado pela sociedade. Ninguém comprava os seus produtos, nem lhe dava o suficiente pelos seus serviços.

Nos estacionamento dos supermercados, conheceu outros adolescentes e começou a usar drogas. A princípio, maconha, depois, cocaína, thiner, cola de sapateiro e tudo o que *fizesse a cabeça*. Não demorou muito para sair de casa e entrar para a *firma*. Caveira, assim como Marcelito, era menor de idade. Devia ter no máximo uns dezesseis anos.

Caveira levantou-se de um dos degraus da escada, onde estava sentado, e se dirigiu ao chefe, que se encontrava a uns 3m de distância – do outro lado da sala. Aproximou-se e disse:

– E aí chefe, pode falar.

– Senta aí – disse Carlos. Depois, avistou seu irmão conversando com outra pessoa lá no fundo da sala e gritou: – chega aí Rubão.

Rubão era um sujeito robusto. Mais forte do que o seu irmão. Nem parecia um bandido. Andava bem vestido. O terno branco que usava, em contraste com a sua cor escura, o tornava elegante. *Mas, as aparências enganam*. Ele era capaz de matar num piscar de olhos, sem dó e nem piedade.

Rubão sentou-se no canto do sofá e passou o braço grande e pesado por sobre o ombro de Marcelito, que com as mãos, acariciava o revolver como se fosse uma linda mulher... Carlos estava do outro lado e Caveira no canto de cá. Marcelito, espremido no meio daqueles dois fanfarrões, parecia um mosquitinho...

Os quatro, sentados ali naquele sofá, planejavam como seria o roubo. Carlos passava as orientações preliminares... A princípio, iriam roubar uma Lan house. Se tudo

desse certo, dividiriam o dinheiro entre todos os componentes da gangue. A firma funcionava assim, *tudo era de todos*. Não importava quem fizesse o *serviço*.

O roubo seria feito no dia seguinte, pela manhã.

Marcelito ficou até tarde da noite com os seus *amigos*. Usando drogas, bebendo e conversando fiado. Quando chegou em casa, já eram quase duas horas da manhã. Seus pais estavam acordados e preocupados.

– Onde você estava até a essa hora Marcelito? – perguntou a mãe.

– Ah mãe, não enche! Eu tava por aí...

– Respeita a sua mãe! – falou o pai com *certa autoridade*. – Ela só quer saber onde você estava.

– Eu tava na boate pai, com alguns amigos meus – mentiu.

– Que amigos são esses? – insistiu a mãe.

– Uns amigos... – e novamente alterou o tom da sua voz.

– Respeita a sua mãe! – disse mais uma vez o pai.

– Tá bom, eu tava com umas menininhas... – mentiu de novo.

– Tá vendo, não precisa brigar! – falou o pai orgulhoso do filho. – Quer dizer que você arrumou uma namorada?

– Não é bem isso pai, a gente só tá ficando...

– Namorada?! Eu quero conhecer essa menina – disse a mãe.

– Qualquer dia eu trago ela aqui.

– Tá bom! Agora vamos dormir. Amanhã é segunda feira e você tem que ir pro colégio – conclui o pai.

O filho foi dormir sem pedir a benção, que não era lhe cobrado.

Marcelito era um menino educado, porém rebelde. Queria que tudo fosse do seu jeito. Gritava com a sua mãe e só não batia no pai porque não se tornara um bandido, ainda... Se era magro, era por causa da maconha e de outras drogas que usava. Seu pai, Narciso, nunca havia deixado-o passar fome, nem ele, nem nenhum dos seus filhos.

As espinhas tomavam conta do rosto alvinho daquele menino franzino. Marcelito era meio loiro, mas havia pintado o cabelo de amarelo... Deitou-se na cama e ficou imaginando quando se tronaria um homem forte, quando se tornaria um adulto... *Será que seria realmente forte?* Não importava... A força que sentira hoje, ao segurar aquela pistola, era a *maior* do mundo! (*) Não importava se era pequeno ou magro; Marcelito sabia que a arma lhe dava poder. Fechou os olhos e ficou imaginando como seria o seu primeiro roubo...

CAPÍTULO 2

No outro dia Marcelito teve dificuldade de ir ao colégio. O pai fora trabalhar. A mãe não tinha moral com o filho. Até insistiu para ele se levantar. Todavia, Marcelito não deu-lhe ouvidos, virou-se para o outro lado, resmungou qualquer coisa, e voltou a dormir.

Já há alguns dias que não ia pro colégio, e quando ia, não assistia às aulas. Mentia para os seus pais dizendo que a professora estava de atestado médico... Coisas desse tipo.

A verdade é que após Marcelito conhecer alguns membros daquela gangue – dentre eles Tiãozinho – nunca mais assistiu aula... Quando não ficavam usando drogas, iam cometer pequenos delitos como: furtos e roubos. Todavia, agora seria diferente, eles iriam assaltar uma Lan house...

Com muito custo, sua mãe, dona Hilda, conseguiu acordá-lo. Ele demorou quase meia hora no chuveiro... Logo após foi tomar café, e só depois pegou o caderno e foi para o colégio, pelo menos *foi isso* o que disse a sua mãe...

No caminho, encontrou-se como Tiãozinho e ambos foram atrás do Caveira. Tiãozinho também era menor de idade, mas parecia ser maior... Tinha 17 anos e estava perto de completar dezoito. Era moreno e alto. Tinha tudo para se dar bem na vida, mas as más influências e o mundo do crime, junto com as drogas, o arrastou para o outro lado, o do *prazer*, e da dor. Já havia sido preso várias vezes e estava *pinado* (fugido) do CAJE (**). A qualquer hora podia ser preso. Quando se tornasse maior de idade, sabia que – se fosse roubar, e, se fosse pego – a *pena* seria muito mais dura, por isso, tinha que fazer o seu *pé-de-meia* agora, antes de completar dezoito anos.

No colégio, Tiãozinho havia sido reprovado várias vezes, aliás, nem estudava mais, só ia à escola oferecer drogas aos alunos e aliciá-los para o mundo do crime, e estava conseguindo... Marcelito fora um dos que caíra facilmente naquela armadilha. Não obstante, Tiãozinho começou fumando maconha, e agora já estava se viciando no crack, tinha que roubar para sustentar o vício.

– E aí, beleza! – disse ele apertando a mão do Caveira.

– De boa!

Fez-se um pequeno silêncio, Marcelito então perguntou:

– E a parada, tá em cima?

Caveira levantou a blusa deixando aparecer a pistola;

– Tudo em cima, cadê o carro?

– Nós vamos buscar lá na quebrada.

– Então vamos nessa, eu tô doido pra fumar um baseado pra rebater...

– Eu também – disse Marcelito – vamo nessa!

E ambos saíram andando...

Quando chegaram na quebrada, Rubão já estava esperando. Fumaram Crack, beberam cachaça e repassaram o plano várias vezes. Caveira manusearia a arma, Rubão e Tiãozinho pegariam os computadores, e Marcelito dirigiria o carro. Tinham que usar bastante droga antes de praticarem um roubo, pois elas lhes davam *coragem*.

Depois de usarem bastante, Marcelito perguntou:

- Cadê o chefe?
- O Carlos não vai – respondeu o Rubão.
- Então vai ser só nós quatro mesmo?
- Demoro! – disse Caveira.
- Então vamo nessa – falou Tiãozinho.
- Vamos! – disse Rubão.

Estavam todos sentados no sofá. Caveira exprimia o cachimbo entre os dedos como se o obrigasse a reproduzir um pouco mais de crack. Com o isqueiro, tentava desesperadamente acender o restinho da última *pedra* que sobrara.

- Acabou! – disse Rubão.
- Acabou o quê? – perguntou Caveira.
- A droga mané, se a gente quiser mais *vamo tê* que descolar a grana.
- Pode crê! – disse Caveira se levantando.

Os outros meninos também se levantaram. Marcelito se dirigiu ao carro, ele não tinha bebido, pois ia dirigir, tinha apenas fumado crack. Abriu a porta e todos entraram. Ligaram o *som*, colocaram um CD de *rep*, aumentaram o volume e saíram *cantando* pneus. No toca-CD *rolava* um som da Tribo da Periferia: *Carro de Malandro*.

Dentro do carro a bagunça era geral. Cantavam, dançavam, fumavam, bebiam, pulavam... Caveira pegou o revólver e apontou-o para alguém que passava na rua, simulando o barulho de um tiro com a boca. Rubão chamou-lhe a atenção:

- Tá doido Caveira!?
- Vichi! Tá viajando! – comentou Tiãozinho.
- Parem com essas brincadeiras aí! – falou Marcelito.

Caveira guardou a arma e eles pegaram a *BR*. O roubo seria feito numa outra cidade que ficava cerca de uns 15 km de onde moravam. No meio do caminho, quando o carro estava em alta velocidade, alguém distraiu a atenção de Marcelito ao lhe passar um *baseado*. O carro desviou um pouco para a esquerda e Rubão, tentando ajudar, puxou rapidamente o volante para o lado direito. O veículo deu um *pulo* e só não *capotou*, por causa da habilidade de Marcelito. Ele olhou sério para Rubão e, talvez por respeito, permaneceu calado.

O pai de Marcelito o havia ensinado a dirigir, ainda quando era menino. Certa vez, porém, Marcelito pegou o carro escondido e *sumiu no mundo*. Seu Narciso chegou a registrar um boletim de ocorrência, mas depois retirou a queixa e perdoou o filho.

Quando chegaram ao local do roubo, mesmo fumando e cheirando todas aquelas porcarias, ainda estavam nervosos...

– Tu vai primeiro Tiãozinho – comentou Rubão. Disfarça, faz de conta que vai entrar no *Orkut*, pergunta quanto é a hora, depois o Caveira entra com a arma e anuncia o assalto. Daí, eu entro e a gente leva tudo.

- E eu? – perguntou Marcelito.
- Você fica dentro do carro esperando. Deixa o porta-malas aberto e a chave na ignição.
- De boa.

Os três desceram do carro e seguiram em direção a Lan house. Marcelito esperou um pouco para cumprir as ordens dadas por Rubão...

Conforme o plano, Tião abordou o funcionário. Caveira entrou sacando a arma e falou:

– Isso é um assalto porra, é um assalto! Pro chão porra, pro chão. Bota a mão na cabeça filho da puta.

O funcionário atendeu as ordens. Àquela hora da manhã o estabelecimento estava vazio. Havia um ou dois adolescentes acessando a internet. Um deles esticou o pescoço para ver o que estava acontecendo...

– Você aí, vem pra cá e levanta as mãos... Você também. Tem celular aí? – Caveira falava sério, apontando a arma para todos os lados.

– Não!

– Então deita no chão porra.

Enquanto Caveira dominava o ambiente, Rubão e Tiãozinho pegavam a mercadoria e a levava para o carro.

– E aí, tá tudo certo? – perguntou Marcelito já com o porta-malas aberto.

– Tudo certo! – respondeu Rubão colocando dois computadores no carro – nós vamos dar mais uma viagem e sair fora.

– Beleza.

Tiãozinho chegou com mais dois computadores, entregou-os a Marcelito, e junto com o Rubão, voltou para roubar mais...

– Agora passa a grana porra! – disse Caveira antes de saírem da Lan house.

O funcionário disse que não tinha dinheiro. Caveira ameaçou matá-lo, só pelo prazer de atirar, Rubão – com mais dois computadores, um em cada braço, – interveio dizendo:

– Deixa baixo, vamos embora.

Rubão e Tiãozinho saíram com o resto da mercadoria enquanto Caveira dava cobertura. Mal entraram no carro e Marcelito saiu *cantando pneus*. Todos olhavam ansiosos para trás, com exceção de Rubão, que já estava acostumado a praticar aquele tipo de roubo. Após andarem alguns quilômetros, ele disse:

– Já pode parar de correr Marcelito, tá de boa.

– Tá limpeza?

– Limpeza...

– Yahoo! – gritaram os meninos. Todos comemoraram com o *êxito* o assalto.

Marcelito: – O Carlos vai ficar satisfeito!

Tiãozinho: – Quanto vale a mercadoria?

Rubão: – Sei lá, uns mil reais...

Caveira: – Já dá pra comprar uma arma.

Rubão: – A arma do Marcelito!

Todos riram.

Quando chegaram na firma, Carlos estava esperando.

– E aí, como foi o serviço? – perguntou ao irmão.

– De boa, deu tudo certo.

– E o pivete, dirigiu de boa?

– De boa.

– Deixa eu vê a mercadoria.

Carlos conferiu a mercadoria e disse:

– Valeu, joga uma arma na mão do Marcelito. O próximo roubo vai ser ele quem vai fazer.

Imediatamente Marcelito sentiu um fogo subir-lhe o corpo parando no coração, que, pôs-se a palpitar apressadamente. Sem hesitar ele disse:
– Valeu patrão.

Resolveram fazer uma festa para comemorar. Carlos vendeu alguns dos computadores roubados e comprou bastante cerveja e drogas. Na *sede* da firma, a festa *rolava* a todo *vapor*. Os meninos bebiam e fumavam crack, alguns fumavam maconha, outros cheiravam *pó*. Carlos havia permitido que eles chamassem algumas meninas, desde que não aumentassem muito o som. O barulho poderia atrair a atenção da polícia.

Marcelito estava sentado no sofá e notou que Jussara, a namorada do chefe, estava olhando para ele.

Jussara era uma menina bonita, tinha cabelos pretos e olhos verdes, parecia ter sido pintada. A silhueta do seu corpo, principalmente o quadril e os seios, determinavam a perfeição da *obra-prima*. Apesar de ser bonita, não era muito inteligente. Tinha entrado para a gangue por causa do seu irmão, o Magrão, que se aproveitava da situação para usar drogas.

Como Magrão era irmão da namorada do chefe, tinha certos privilégios... Não obstante, Marcelito não era bobo, sabia que se se envolvesse com a namorada do chefe, seria um *homem morto*. Ele desviou o olhar, levantou-se e foi conversar com outra menina, ainda assim, notou que Jussara ainda o olhava de relance.

A festa durou até tarde da noite e só acabou ao amanhecer...

CAPÍTULO 03

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

